

MONUMENTAIS IMPERFEIÇÕES: ARQUITETURA E ESTÉTICA DE DOIS GRANDES TEMPLOS CATÓLICOS¹

Emerson Giumbelli

Na via sacra [que ornamenta a nave da nova igreja do Santuário Santa Paulina] está faltando um quadro... o do “Cristo despido de suas vestes”. Eu apresentei um Cristo em que aparece metade do bumbum. A irmã guardou. Eu disse: aproveite isso aí para fazer uma catequese, não esconder... (Fernandes, J., 2019).

A Igreja da Divina Providência, uma das primeiras igrejas modernas feitas em Guadalajara, muito alta, tinha quatro grandes vitrais. O pároco era um homem muito crítico, muito moderno. Em um dos vitrais, o Cristo foi retratado inteiramente desnudo. As pessoas o quebraram com pedradas. Pareceu-lhes uma falta de respeito. (González Escoto, 2019).

Neste capítulo, intento provocar uma reflexão considerando as formas arquiteturais de duas igrejas cristãs. Ambas recorrem a desenhos e materiais modernos e suas dimensões foram concebidas para abrigar multidões; além disso, estão vinculadas a projetos católicos de santuarização.² Uma dessas igrejas, construída entre 2003 e 2006, está localizada no sul do Brasil, sendo a principal estrutura do Santuário Santa Paulina. A outra, iniciada em 2007, ainda está em construção; situada nos arredores da cidade de Guadalajara, no centro-oeste mexicano, servirá para abrigar o Santuário dos Mártires. Embora o foco do texto sejam as formas arquiteturais desses templos católicos, algumas características da devoção às figuras que os inspiram precisam ser consideradas. Quanto à arquitetura propriamente dita, ela será analisada e problematizada com base em uma discussão sobre estética.

1 Este texto beneficiou-se de leituras feitas por Renée de la Torre e Fernanda Peixoto, além de ter se alimentado das trocas de ideias em atividades do MARES (Religião, Arte, Materialidade e Espaço Público: Grupo de Antropologia). Trata-se ainda de resultado da pesquisa apoiada por projeto de produtividade do CNPq, “Arquiteturas monumentais: religiões e espaço público”.

2 A santuarização envolve dois processos coordenados, associados a políticas da Igreja Católica em vários âmbitos: beatificações e canonizações de pessoas pelo Vaticano e construção ou ampliação de santuários em locais específicos. Ver, para uma abordagem inicial, Menezes (2012).

Para essa discussão, sirvo-me basicamente de dois textos de Georges Bataille, publicados originalmente em 1929 na revista *Documents*. Ainda que Bataille não reclame o tema da estética para designar suas elaborações, estas conectam dimensões que lhe estão associadas: ideais, formas, convenções de beleza. São exatamente as conexões que servem tanto para vincular esses textos com a estética quanto para efetuar alguns deslocamentos na sua abordagem. O primeiro deles trata de arquitetura, ou melhor, daquelas composições nas quais se exprime “o ser ideal da sociedade, aquele que ordena e proíbe com autoridade” (Bataille, 2018a, p. 65). Ao exemplificar o ponto, Bataille escreve sobre os monumentos como tais ou sobre sua expressão na “forma das catedrais e dos palácios”. Monumentos, catedrais e palácios são “composições arquiteturais” na medida em que expressam ideais sociais e estéticos. O breve texto conclui traçando uma continuidade entre a “evolução das formas terrestres” e a “ordenação matemática imposta à pedra” (p. 66), pois ambas consagram a estabilidade e são desafiadas por invenções artísticas – concretamente, a pintura de vanguarda daquela época – que não respeitam as formas elegantes e estáticas.

O segundo texto do polímato francês trata da “linguagem das flores” (Bataille, 2018b). Novamente, o que está em questão é o ideal de beleza, ou a beleza como ideal: “se dizemos que as flores são belas, é porque elas parecem *conformes ao que deve ser*, isto é, representam, por aquilo que são, o *ideal humano*” (p. 75). Bataille dedica-se a desmanchar esse entendimento, seja despedaçando rosas para fazer aparecer apenas “um tufo de aspecto sórdido”, seja lembrando da fragilidade das corolas que se revela na murchidão, seja aproximando os elementos mais elevados das plantas de suas folhagens, talos e, mais fundo ainda, de suas raízes “que fervilham [...] nojentas e nuas como vermes” (p. 78). Assim, a “mais admirável das flores” se reduziria a “um sacrilégio imundo e fulgurante” (p. 76), pois aponta para o alto quando a maioria de seus elementos depende do que mais baixo há na natureza. Sua elaboração, é importante mencionar, está vinculada com uma recusa de interpretações simbólicas em favor de uma abordagem do aspecto – ou das aparências, mesmo que seja necessário revirar os seres e objetos para fazê-las emergir.

Há nas formulações de Bataille duas indicações que tomarei como orientações analíticas. Primeiro, essa atenção voltada às aparências, que corresponde exatamente a uma valorização do aspecto e das formas que converge com abordagens antropológicas inspiradas em certos entendimentos da estética.³ Em relação às igrejas que pretendo analisar, isso se traduz no privilégio concedido às soluções arquitetônicas e aos resultados alcançados em cada caso. No santuário brasileiro, uma igreja que “se parece” com a santa e está vinculada ao lugar em que viveu tem partes que, pela sua distribuição, destoam das concepções ideais de um templo – especificamente, a relação entre sagrado e profano. No santuário mexicano, é a própria aparência geral do templo que sugere formas outras que não as que caracterizam uma igreja católica. Apresentadas nesses termos, ambas as construções apontam já para a segunda sugestão retirada dos textos de Bataille: a busca pelo ideal gera realizações que têm a imperfeição como consequência. Em se tratando de templos cristãos, podemos dizer que sua dedicação ao sagrado convive com a propensão ao sacrilégio.

A imperfeição, nesses casos, adquire um sentido diferente do elaborado por Verkaaik (2014) na instigante análise de duas sinagogas na Europa. A reconstrução ou restauração dessas sinagogas admite a imperfeição, seja na relação com o passado humano, seja baseada em certa concepção da criação divina. Em minha abordagem, a imperfeição é um resultado não pretendido, cuja revelação depende da consideração de aspectos arquitetônicos e de sua relação com os lugares onde se implantam os templos e com as características das devoções. Se essa abordagem não segue apenas as intenções e concepções dos atores sociais diretamente envolvidos com a construção das igrejas, ela não os desconsidera. Conheci diretamente os santuários, realizei entrevistas com arquitetos e religiosos nos dois casos, busquei por apresentações textuais dos respectivos projetos, além de compilar materiais (de primeira ou segunda mão) que nos dão informações sobre os lugares e as devoções. É exatamente por uma caracterização das devoções que devo começar minha análise.

³ Em especial, as elaborações de Meyer (2019) em torno da ideia de “formações estéticas”, que enfatizam a participação das coisas e das sensações na sustentação de mundos coletivos. Ver neste volume o texto de Aguiar (2020) para outra utilização dessas elaborações.

Devoções incertas, templos salientes

Os dois santuários não resultam de devoções bem estabelecidas ou antigas. Mais do que isso, trata-se devoções incertas na sua extensão ou no seu enraizamento, pelos motivos que serão apresentados aqui. Há uma diferença importante entre as situações, pois o Santuário Santa Paulina encontra-se em pleno funcionamento, ao passo que o Santuário dos Mártires Mexicanos está em construção. O primeiro localiza-se na pequena cidade onde viveu a religiosa no final do século XIX e que já abrigava estruturas devocionais anteriores ao estabelecimento do novo templo. O segundo é um empreendimento recente, dedicado ao culto de um coletivo de beatos e santos de origens diversas, nas imediações de uma metrópole, em um sítio onde nada religioso havia previamente. Vejamos por que, nessas situações distintas, os santuários mobilizam o que denomino devoções incertas, condição que a arquitetura dos templos não pode desconsiderar.

Antes do ano 2000, existiam não mais que dez santos na América Latina reconhecidos pelo Vaticano.⁴ Nesse mesmo ano, o México contribui para mudar significativamente as estatísticas, quando são canonizados 25 mártires. O que os junta na santidade é terem morrido no contexto de conflitos ocorridos entre 1910 e 1940 que resultaram de iniciativas estatais que endureceram o anticlericalismo e das reações promovidas em nome do catolicismo. O ápice desses conflitos foi a Guerra Cristera, entre 1926 e 1929, quando desapareceram a maioria dos canonizados. Sua santificação foi o produto da convergência de dois processos: de um lado, a política vaticana de santuarização, impulsionada pelo Papa João Paulo II (1978-2005); de outro, a revisão das relações entre Estado e Igreja Católica no México. O ano de 1992 constitui um marco desses processos, quando ocorreram as beatificações dos 25 mártires e passou a vigor uma nova lei (Ley de Asociaciones Religiosas y Culto Público) que revisou a laicidade estatal.⁵

4 Conforme Pérez e Téllez (2011), fonte que utilizo como principal guia no caso mexicano.

5 Esse é também o momento em que chega a termo o longo período dominado por presidentes do partido político (PRI) que assumiu as posturas anticlericais. Note-se ainda que o México recebeu especial atenção do Vaticano, tendo sido o país que mais registrou visitas de João Paulo II. Agradeço a Renée de la Torre por essas observações. Ver o quadro geral sobre as relações entre Estado e Igreja Católica no México contemporâneo que ela desenha em De la Torre (2012).

O Santuário dos Mártires Mexicanos apresenta-se como uma consequência das canonizações, que foram acrescidas de outras treze beatificações em 2005 (uma já resultando em santificação em 2016). A localização na região de Guadalajara, segunda metrópole mexicana com quase cinco milhões de habitantes, justifica-se pelo fato de boa parte dos 38 mártires terem perdido suas vidas em distintas localidades do estado de Jalisco (de que Guadalajara é a capital). O Santuário reivindica-se ainda como referência dos demais santos e beatos mexicanos (total de 55, incluindo alguns que morreram no estrangeiro), e chegou-se a anunciar que suas instalações abrigariam os restos mortais da maioria deles.⁶ Desde 2015, o andamento das obras permite que alguns eventos ocorram já dentro do templo em construção, embora as atividades mais frequentes tenham lugar em uma capela provisória nas proximidades. Quando estiver concluído, o Santuário promete ser o vértice derradeiro de um triângulo devocional de que os outros dois pontos são a Basílica de Guadalupe, na Cidade do México, e o monumento do Cristo Rei, outro santuário no estado de Guanajuato (Castellanos, 2012).

Essa pretensão indica a aposta, nutrida por parte da hierarquia católica, de que o Santuário dos Mártires conquiste o estatuto de referência nacional. Algo que parece estar longe de ser alcançado, em função de condições que assolam tanto o projeto quanto a devoção relacionados aos mártires. No que diz respeito à devoção, um primeiro ponto é que os mártires estão no centro de disputas sobre seu significado, incluindo a sua santidade (Silva, C., 2015; González Escoto, 2019; González, 2017). Sua memória é reivindicada por distintos setores do catolicismo mexicano, podendo assumir valores opostos e pouco conciliáveis (Pérez; Téllez, 2011). Em outro plano, mais geral, está em jogo a reivindicação católica sobre seu lugar na memória nacional de um Estado laico. Entretanto, o fundamento da santificação depende do argumento de um envolvimento passivo das vítimas nos conflitos entre Estado mexicano e Igreja Católica, o que é objeto de empedernido debate no caso de certos mártires. Outro ponto a ser observado é que, dos 33 santos e beatos, apenas um ou dois desfrutaram de culto significativo. E a razão que ali-

⁶ Atualmente, a fonte oficial de informação sobre o Santuário dos Mártires Mexicanos é uma página de Facebook: <https://www.facebook.com/smartirescristo/>. Quando estive no sítio em dezembro de 2019, recebi alguns materiais impressos em que também me baseio. Agradeço, por isso, ao Pe. Gerardo Aviña, reitor do Santuário; Pe. Antonio Gutierrez, do setor de comunicação da Arquidiocese de Guadalajara; Yara Martínez, assessora de imprensa.

menta sua popularidade não tem a ver diretamente com as circunstâncias de sua morte, e sim com sua associação à causa dos migrantes (De la Torre; Levitt, 2016).⁷

Em relação ao projeto de construção do santuário, são outros dois fatores que o fragilizam. Em primeiro lugar, como a devoção popular é inexpressiva ou, quando existe, está voltada para santuários já instalados em outros sítios, os eventos que por ora vêm se realizando no Santuário dependem de indução eclesiástica (González Escoto, 2019). Paróquias ou grupos católicos específicos são convocados a se dirigirem até o santuário e a prestarem homenagem ao quadro de relíquias que a capela provisória abriga.⁸ Outros eventos multitudinários são esporádicos, como ordenações e celebrações que atraem familiares e visitantes para o templo em construção. Em segundo lugar, o Santuário está fortemente associado aos planos de Juan Sandoval Iñiguez, arcebispo de Guadalajara entre 1994 e 2011. A maneira como esses planos foram conduzidos geraram desconfianças e reações dentro e fora da igreja local.⁹ Apesar dessas questões, o avanço das obras não deixou de ocorrer nos últimos anos. A conclusão do santuário não é, entretanto, garantia de que a devoção aos mártires se amplie.

No caso brasileiro, Santa Paulina já tem seu santuário, mas a devoção a ela tampouco deixa de enfrentar obstáculos. Paulina foi o nome assumido por Amábile Lúcia Visintainer ao fazer os votos que consolidaram seu compromisso com uma ordem religiosa. Essa ordem, cujo nome atual é Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, teve como principais propulsoras a própria Amábile e mais duas companheiras, com o acompanhamento de padres jesuítas. O local da fundação, no interior de Santa Catarina, foi para onde a família de Amábile migrou, em 1875, da região de Trento (hoje na Itália). A ordem transferiu sua sede para São Paulo pouco tempo depois, para onde mudou Paulina em 1903. Ele só voltaria a estar em Nova Trento por

7 Considere-se ainda que o estado de Jalisco abriga os três principais santuários marianos de peregrinação no México (em San Juan de los Lagos, Talpa e Zapopan), ultrapassados em prestígio popular apenas pelo santuário da Virgem de Guadalupe na capital federal. Agradeço a Renée de la Torre por essa observação.

8 Ou seja, é uma incógnita se o santuário abrigará os restos mortais dos santos que reivindica congregar, uma decisão que vai implicar disputas no âmbito de devoções e políticas católicas locais.

9 Esse ponto marcou a conversa que mantive, em novembro de 2019, com Tomás de Hajar, intelectual católico, e Pe. Abel Castillo, que já foi o secretário executivo da construção do santuário. Volto a mencionar o protagonismo de D. Sandoval na próxima seção.

dois anos, instalando-se, em seguida, em uma instituição assistencial da Congregação situada em Bragança Paulista, até sua morte em 1942.¹⁰

O processo de santificação de Paulina foi iniciado na década de 1960, mas sua beatificação ocorre apenas em 1991, seguida da canonização em 2002. Percebe-se que a mesma política vaticana que beneficiou os mártires mexicanos levou à criação da “primeira santa brasileira”. A iniciativa foi da própria Congregação a que pertenceu Paulina e foi acompanhada da produção de hagiografias, culminando na biografia oficial publicada em 1987. A canonização é resultado de um esforço institucional que inclui uma reparação, uma vez que, não muito depois de sua mudança para São Paulo, Paulina foi destituída da posição de madre superiora e condenada a não mais exercer cargos de governo na Congregação que havia ajudado a fundar. Sua resignação foi contabilizada como atributo de sua santidade.

Segundo Silva (2004), houve hesitações sobre o lugar do santuário, que acabou sendo fixado em Nova Trento, ficando os restos mortais da santa em São Paulo, onde permanece a sede da Congregação. A beatificação acarretou o aumento do fluxo de visitantes para a pequena cidade catarinense (14 mil habitantes em 2018), colocando a necessidade de uma estrutura maior para a sua recepção. O santuário, instituído em 1998, foi remodelado entre 2003 e 2006. Estimativas apontam um número entre 70 mil e 100 mil pessoas por mês, o que colocaria o Santuário Santa Paulina como o segundo destino de “turismo religioso” no Brasil, perdendo apenas para Aparecida do Norte (Soares; Ramos, 2018).

Esse destaque está, contudo, em contraste com outras feições do Santuário. Além do fluxo de visitas não ter aumentado significativamente nos últimos anos, há indicações reiteradas de que a maioria dos visitantes vêm de outras cidades do mesmo estado de Santa Catarina, número seguido por cidades paranaenses e gaúchas, restando quantidades ínfimas de outras proveniências (Rita, 2002, p. 61; Silva, R., 2004, p. 71; Ardigó; Caetano; Damo, 2016, p. 366; Behling; Wolf; Bona, 2019, p. 53). Ou seja, o culto de Santa Paulina parece ter alcance regional, em uma escala muito distinta daquela que caracteriza o santuário de Nossa Senhora Aparecida. Os visitantes chegam como pedestres vin-

¹⁰ São muitas as fontes sobre Paulina. Sigo principalmente o exposto em Custódio (2011).

dos de cidades próximas ou utilizando automóveis, e não raramente em excursões. Algumas dessas excursões incluem Nova Trento em um roteiro no qual Aparecida é o destino principal, confirmando a hierarquia entre os dois santuários. Além disso, Santa Paulina precisa lidar com a concorrência de outras devoções, inclusive de novos candidatos a santos.¹¹ Se para Nossa Senhora Aparecida, cultuada desde o século XVIII, essa convivência não é problemática, o mesmo não se pode afirmar para a recente Santa Paulina.

Em suma, as devoções reivindicadas pelos santos mártires mexicanos e por Santa Paulina não estão asseguradas – ao menos na escala almejada por seus principais promotores. Essas condições são, de minha perspectiva, essenciais para entendermos as características dos templos que consistem nas estruturas centrais dos respectivos santuários. Ou seja, em vez de se traduzirem em construções inexpressivas, as incertezas implicadas nas devoções impulsionam projetos com dimensões materiais significativas, incluindo arquiteturas audaciosas. É como se, aos templos, fosse atribuída a tarefa de atrair devotos. Nisso e para isso, sua aparência é essencial. A elaboração, inspirada em Gell (2001), que em outro texto (Giumbelli, 2018) me fez aproximar os monumentos de “armadilhas”, parece se aplicar ao caso desses templos.¹² Serem monumentos ativos, no sentido de reivindicarem outra coisa além da indiferença, faz parte de suas pretensões. Não por acaso, fotografias e desenhos estilizados que tomam as igrejas por modelos são frequentemente adotados na divulgação oficial dos respectivos santuários.¹³ Passemos então à análise e à problematização das arquiteturas desses modelos.

Santuário dos Mártires: a igreja que aparenta ser outras coisas

Quando estive no local em dezembro de 2019, o templo do Santuário dos Santos Mártires passou-me a impressão de algo grandioso e inacabado. A extensa escadaria que futuramente dará acesso ao átrio

11 Em Santa Catarina, há uma beata (desde 2007) e dois processos já abertos (2019 e 2020). Outros santuários estão estabelecidos em regiões próximas. No Rio Grande do Sul, há mais dois beatos (desde 2007), devendo-se ainda considerar o santuário principal de Nossa Senhora de Caravaggio como uma importante devoção regional.

12 Neste volume, o capítulo de Peixoto e Goyatá (2020) discorre sobre o mesmo texto de Gell, do qual também se apropria para sua análise.

13 Para Santa Paulina, ver Ardigó, Caetano e Damo (2016, p. 365); para os mártires, baseio-me no material impresso que acessei em minha visita em 2019.

onde caberão mais de 50 mil pessoas só podia ser, na ocasião, imaginada. Circundei o edifício e nele ingressei perto do presbitério, de onde era possível avistar toda a nave e os vitrais principais quase concluídos. O piso ainda não recebera nenhuma cobertura. Perto do lugar por onde entrei, o globo que foi descartado para coroar a mais alta das cúpulas jazia quase como uma ruína. Alguns dias antes, o engenheiro responsável pelas obras havia atualizado as informações que eu vinha reunindo desde 2017. Aquela nave, com diâmetro de 105 metros e 70 metros de altura máxima, deverá abrigar, em dois níveis, 12 mil pessoas. Sob o átrio, haverá uma construção com quatro pavimentos, três deles dedicados a estacionamentos; no quarto, espaços que servirão à paróquia ali instalada, auditórios, um museu sobre os mártires, além de cerca de 100 mil columbários. Outras estruturas podem se juntar ao complexo, em locações ainda a serem definidas: sedes de programas assistenciais, serviços de saúde, alojamento de peregrinos e um setor comercial.¹⁴

A monumentalidade da construção permite que tenha sido anunciada como “uma das maiores cúpulas da cristandade, em particular por seu volume totalmente fechado e sem pilares. De fato, trata-se da igreja de forma arquitetônica livre de maior dimensão de toda a cristandade” (Bozzo, 2011). Segundo o engenheiro já citado, Héctor Castellanos, “construído desde 2007 [...], o Santuário se converterá no edifício mais alto da Zona Metropolitana de Guadalajara, desde onde se avista plenamente todo o perímetro do Valle de Atemajac” (mencionado em Campos, 2014). O lugar está situado no Cerro del Tesoro, que fica no município de Tlaquepaque, e pode ser alcançado pelo trem urbano desde o centro de Guadalajara em cerca de 30 minutos. Suas dimensões competem com as do templo da Igreja La Luz del Mundo, concluído em 1992 e também capaz de abrigar 12 mil pessoas sentadas. Esse templo se eleva a mais de 80 metros utilizando uma estrutura piramidal, mas não está construído sobre uma elevação.¹⁵ O Cerro del Tesoro não é um morro muito alto, e a altura dos prédios e a poluição impedem que seja contemplado de vários pontos da cidade. Mas sua visibilidade é maior

¹⁴ A imagem que melhor reproduz a versão atual do projeto arquitetônico é a de uma maquete: <https://www.skyscrapercity.com/threads/proyecto-tlaquepaque-santuario-de-los-m%C3%A1rtires-mexicanos-e-c.437112/post-148417717>. Acesso em: 23 set. 2020.

¹⁵ Ver, sobre o templo, San Martín Córdova (2019); para a história da Luz del Mundo, igreja neocristã mexicana de maior expressão internacional, ver De la Torre (1995).

quando comparada à sede do grupo neocristão. Esta pode ser avistada como parte da cidade desde o Santuário dos Mártires, o qual desponta no horizonte e cuja construção já vem impactando o seu entorno.

O argumento do desenvolvimento urbano e os supostos benefícios do turismo religioso serviram para aproximar o empreendimento de iniciativas governamentais. Se não houvesse esses fatores, a força do catolicismo na região e os laços familiares que aproximam elites civis e religiosas poderiam ter cumprido o mesmo papel. Em 2008, o governador de Jalisco anunciou que uma doação milionária seria feita como uma contribuição estatal para a construção do santuário. A notícia foi comemorada pelo cardeal Sandoval, desde 2011 Arcebispo Emérito de Guadalajara e ainda o principal animador da obra. Mas o anúncio também gerou enorme reação entre diversos setores sociais, amparada no princípio da laicidade estatal, o que levou à devolução dos recursos em 2009.¹⁶ Desde então, a construção tem sido mantida graças a outras fontes e se arrasta ao longo dos anos. De todo modo, intervenções estatais não estão ausentes. A municipalidade de Tlaquepaque investiu na melhoria da infraestrutura da área, que vem atraindo mais moradores. E o governo de Jalisco continua a manifestar seu apoio ao turismo religioso, ao qual dedica um de seus setores. Um dos projetos divulgados pela administração é a “Ruta Cristera”, que buscará integrar o Santuário dos Mártires a outros pontos de devoção religiosa na região.¹⁷

A dimensão arquitetônica da obra impõe que se considere a longa história do projeto de construção do Santuário dos Mártires. Embora a data mencionada na maioria dos relatos indique 2007 como o ano inicial, é possível recuar com o auxílio de outras referências.¹⁸ O primeiro anúncio de um “santuário dos mártires” parece ter ocorrido em 2000, acompanhando as notícias da canonização dos 25 santos. Mas a ideia de um espaço para acolher multidões está entre as demandas de um evento de 1992 que traçou as diretrizes para a Arquidiocese de Guadalajara. Esta sedia um dos maiores seminários do mundo, o que transforma

¹⁶ Sobre esse episódio e suas repercussões, ver De la Torre (2017). Seu texto neste volume acompanha outra ação de D. Sandoval (De la Torre, 2020).

¹⁷ Ver <https://sectorjal.jalisco.gob.mx/nuestro-estado/turismo-religioso>. Acesso em: 23 set. 2020. Pessoas próximas ao Santuário que entrevistei mencionam outro projeto, “El Camino de los Martires”, que interliga o santuário de Tlaquepaque com outros situados no estado de Jalisco.

¹⁸ Sigo, em suas linhas gerais, os dados apresentados por Vaca (2017), complementados por outras fontes de imprensa e minhas entrevistas.

as ordenações de novos padres em eventos que reúnem grandes contingentes. O uso de espaços não religiosos para essas e outras ocasiões gerava insatisfações. D. Sandoval buscou conciliar tal demanda com a perspectiva de tornar Guadalajara a principal referência no culto dos mártires. Assim nasceu a ideia do santuário, tornada pública apenas em 2000. A atribulada história do que veio depois pode ser dividida em três momentos, considerando as definições e redefinições arquitetônicas.

O ano 2000 trouxe não apenas o anúncio da construção do santuário, mas também a colocação de sua pedra fundamental e a apresentação de um projeto de templo. Atribuído ao arquiteto Federico González Gortázar,¹⁹ o projeto já incorporava a concepção de um complexo, unindo lugar de culto a centro de eventos, além de prever espaços para serviços de várias naturezas. O desenho destaca um conjunto de cúpulas articuladas de modo a formar os gomos de uma abóboda de 100 metros de altura. Contornando essa abóboda, uma estrutura de formato hexagonal, aberta no lado em que está a porta principal do templo – assim, seria possível entrar diretamente nas cúpulas. As dimensões internas eram igualmente maiores do que as do projeto atual: uma nave circular com 160 metros de diâmetro e forte inclinação no espaço da assembleia prevista para abrigar 20 mil pessoas. Apesar dessas características, o arquiteto reivindicou como inspiração a Basílica de São Pedro, do Vaticano.

No entanto, já em 2001 ocorreram várias mudanças, a começar pelo arquiteto, que passou a ser José Manuel Gómez Vázquez Aldana, associado à empresa GVA.²⁰ Mudou-se também o local da construção para onde continua a ocorrer até hoje, o Cerro del Tesoro. Antes, o sítio era outro morro, aquele que abriga um conjunto de antenas de comunicação, que talvez entrassem em uma competição visual com o templo do santuário. Mas o motivo alegado para o deslocamento do local foram questões fundiárias. Por fim, as mudanças vieram com um novo projeto, anunciado pelo arquiteto como “renascentista, mais clássico e conservador”. Desse projeto, temos acesso a um esboço e a uma

19 Sobre Gortázar, ver Palomar (2013). Segundo San Martín Córdova (2019), houve ainda dois outros arquitetos envolvidos, Luis Miguel Argüelles Alcalá e o frade Gabriel Chávez de la Mora, que voltou a ter participação recentemente com o desenho do vitral principal e do presbitério. De acordo com González Escoto (2019), outro templo, situado próximo à região central de Guadalajara – o que teve seus vitrais apedrejados, como relata uma das epígrafes deste texto – foi cogitado para abrigar o Santuário dos Mártires.

20 Sobre Gómez Vázquez Aldana, um arquiteto com projetos de grande porte conhecidos em Guadalajara e outras cidades, inclusive fora do México, ver Castro (2016).

maquete. Nele, a cúpula é inteiriça e não vai até o piso; na maquete, o desenho é um pouco diferente, semelhante ao formato de um chapéu cujas abas se aproximam mais do solo. Nos dois casos, essa estrutura circular é cercada por outra estrutura quadrilátera, onde estaria instalada a entrada principal do templo.

Tampouco esse segundo projeto prospera, frustrando as expectativas de que o santuário estivesse pronto para um grande evento a ser realizado na Arquidiocese de Guadalajara em 2004. Questões administrativas, financeiras e fundiárias fazem com que as obras não deslanchem, de modo que a construção fica suspensa entre 2002 e 2007. Nesse ano, novas notícias dão conta da retomada das obras, que desde então prosseguem sem grandes discontinuidades, a depender do ritmo permitido pela disponibilidade de recursos. Embora nem o local nem a autoria tenham sido modificados, o projeto anunciado em 2007 traz características bem distintas das anteriores (imagem 1). Trata-se do projeto que guia as obras até o presente, mas não sem sofrer alterações. É sobre as formas e aparências dele originadas que discorro a seguir.

Imagem 1 – Desenho do Santuário dos Mártires, 2007



Fonte: Ícono... (2015).

Como referência, tomemos a descrição de 2011 oferecida pelo engenheiro responsável pelos cálculos estruturais.²¹ Segundo essa descrição, o projeto “contempla três cúpulas consecutivas (de forma livre) encerradas em sua entrada principal por uma cúpula semiesférica” (Bozzo, 2011). Essas cúpulas não compõem mais uma abóboda, mas parecem encaixadas, a maior cúpula estruturando os fundos do templo com um espaço para os vitrais, a menor abrindo-se para formar a entrada principal em composição com uma semiesfera que seria translúcida. Ao longo da parte frontal e das laterais da estrutura principal, há uma outra, em desenho de semicírculo. A entrada na semiesfera comunica-se com uma passagem no semicírculo para dar acesso ao átrio, abaixo do qual se desenvolvem os pavimentos descritos no início desta seção. Fui informado durante minha visita em 2019 que essa segunda estrutura não será construída. Outra modificação ocorreu há mais tempo com a supressão de um alongamento da cúpula mais alta, que serviria para suportar um globo com a cruz. Esse alongamento destaca-se em um desenho que provavelmente acompanhou a retomada dos trabalhos em 2007.²² Em 2008, falava-se ainda em uma nave para 20 mil pessoas, o que foi revisado, mas – ponto importante – sem deixar que sua capacidade ficasse abaixo do que a do templo da Igreja La Luz del Mundo. Outras modificações ocorreram no formato das três cúpulas e no encaixe entre elas – o resultado parecendo-se mais com um fractal do que com um invólucro (imagem 2). Como sabemos, o globo no qual se apoiaria a cruz foi desprezado. Por ora, o teto do santuário não enverga cruz alguma.²³

21 O melhor guia visual com informações agregadas baseadas no mesmo projeto é o seguinte: <http://i02.vpc02.informador.com.mx/interactivos/jalisco/santuariodelosmartires/>. Acesso em: 23 set. 2020.

22 Para uma reprodução desse desenho, ver <https://lauracampos.wordpress.com/tag/santuario-de-los-martires/>. Acesso em: 23 set. 2020.

23 Atrás do edifício do templo, há uma elevação incorporada ao projeto, com a indicação ora de uma grande cruz, ora de uma imagem do Cristo Redentor. Ainda não há uma definição sobre a solução a ser adotada.

Imagem 2 – Foto das obras do Santuário dos Mártires, 2016



Fonte: Grupo Hiemesa (2016).

A questão que intriga quem olha para a estrutura resultante desse desenho é: a que isso se parece? Por parte do arquiteto responsável pelo projeto, não há pronunciamentos públicos sobre o assunto. O máximo que encontrei foram as palavras “moderno” e “contemporâneo”, que se aplicam também a outros aspectos da construção, comprometida em oferecer “comodidade” a seus visitantes e frequentadores (Santuário..., 2012). Assim, materiais, tecnologias e serviços trazem essa marca, como destacou o engenheiro responsável pelas obras (Castellanos, 2019). Quando lhe perguntei sobre as semelhanças com outros edifícios religiosos, ele apontou a relação entre as antigas basílicas cristãs e as cúpulas: “mas aqui temos cúpulas pós-modernas, de diferentes alturas”. Ele continuou: “não estamos fazendo aqui uma igreja de corte gótico, nem renascentista, nem neoclássica, nada disso. Estamos no século XXI”. Entretanto, também destacou que a contemporaneidade do desenho e o uso de tecnologias de ponta não anulam “elementos tradicionais” – além das cúpulas, referiu-se ao uso de vitrais e à orientação do templo com sua entrada voltada para o leste. As referências renascentistas, presentes em projetos anteriores, deixam de ser mencionadas.

E o que pensam outras pessoas sobre as aparências do Santuário dos Mártires? Reúno elementos das entrevistas que realizei durante minha visita à Guadalajara, agregando dados provenientes de comentários postados entre 2007 e 2009 em um fórum virtual de discussão sobre projetos arquitetônicos.²⁴ A referência desses comentários é o desenho com base no qual se origina o projeto vigente, com a cúpula alongada por eixo em que se sustenta a cruz. As opiniões se dividem entre boas e más impressões, e pairam muitas dúvidas acerca da situação topográfica e de detalhes arquitetônicos. Em meio a isso, há vários comentários que aproximam o templo da famosa Opera House, inaugurada em 1973, que é um ícone da cidade australiana de Sydney.²⁵ Essa semelhança foi também apontada pelo arquiteto que acompanha a construção do santuário mexicano desde o início (Mercado, 2019). Para ele, o primeiro e o segundo projetos, anteriores a 2007, já traziam elementos que dialogavam com o modo pelo qual a Opera House redefine a forma-cúpula. Considerando o resultado obtido com o terceiro projeto, ele aponta similitudes com outro edifício, um centro de eventos localizado em Glasgow, Escócia, concluído em 1997. O encaixe entre suas cúpulas rendeu-lhe uma designação em conformidade com sua aparência, SEC Armadillo – literalmente, “tatu”.²⁶

Outros comentários associam o desenho do templo a um capacete. Há, nessa vertente, elementos irônicos que apelam para referências da cultura pop. É o caso de um dos personagens da animação de temática futurista *Os Jetsons* e de outro personagem, este um extraterrestre, que povoa animações e outros produtos da Warner Bros. Ambos usam capacetes. Outro comentário assemelhou as cúpulas do templo a um “capacete futurista”. Em direção similar, opinam duas pessoas: “me parece mais um planetário do que uma catedral” e “me parece uma nave espacial que acaba de aterrissar”. Já um entrevistado associou o projeto de Gómez Vázquez Aldana a um capacete de soldado medieval (González Escoto, 2019). No fórum de 2007, um participante sintetizou a disputa: “é o capacete de Dom Quixote contra o capacete de Marvin, o marciano” (o já mencionado personagem da Warner Bros).²⁷

24 Foram analisados os primeiros quatrocentos posts no tópico <https://www.skyscrapercity.com/threads/proyecto-tla-quepaque-santuario-de-los-m%C3%A1rtires-mexicanos-e-c.437112/>, cobrindo o período entre janeiro de 2007 e outubro de 2009. Acesso em: 15 jul. 2020.

25 Entre eles, os posts #16 e 64 no site indicado na nota 24.

26 Ver <https://www.fosterandpartners.com/projects/sec-armadillo/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

27 São os posts #2, 21, 35, 72, 246 e 247 no site indicado na nota 24.

O ponto recorrente no modo como se descreve e se percebe o aspecto do Santuário dos Mártires é exatamente o não parecer uma igreja. É significativo que os arquitetos responsáveis pelos diferentes projetos vinculados ao templo não tenham em seu currículo outras obras religiosas. O portfólio da GVA, empresa de Gómez Vázquez Aldana, apresenta diversos projetos com propostas e linhas contemporâneas, em estilos que arrojam os princípios que orientam o desenho do santuário.²⁸ Mas, ao produzir um templo “contemporâneo”, ou ao ter como ideal tal tipo de arquitetura, esse desenho acaba evocando semelhanças com formas e referências que não remetem a um templo cristão. Dois comentários do fórum de arquitetura evidenciam essa aporia.²⁹ Nesses comentários, a referência à religião vem diretamente associada a apreciações estéticas. Afirma um participante do fórum: “gostava mais do projeto anterior [não há certeza sobre qual], que parecia uma mesquita”. Já o outro faz reclamação distinta: “Bom projeto. Pena que tenha a ver com religião”. Por fim, uma perspicaz observação do entrevistado acima mencionado não deixa de dialogar com esses comentários. Ela decorre da constatação de que a devoção aos mártires canonizados ou beatificados, por ora, não é “espontânea” nem “popular”. Lembra também que o lugar escolhido para abrigar o templo não tem qualquer relação com hierofanias ou episódios das hagiografias. A igreja pode estar orientada para o leste, como prezam as regras canônicas, mas nenhum mártir morreu ou passou por ali. Daí a conclusão de meu interlocutor: “Não é um santuário em sentido estrito. É um monumento aos mártires” (González Escoto, 2019). Pode-se acrescentar: um templo-monumento cuja aparência não evoca referências religiosas.

Santuário Santa Paulina: o profano no sagrado

A pessoa que visita o Santuário Santa Paulina é de muitos modos lembrada que se encontra no local onde a santa viveu. Trata-se de um bairro distante seis quilômetros do centro da cidade de Nova Trento. É um pequeno vale, dominado, desde sua construção iniciada em 2003, pela nova igreja erigida em uma elevação do terreno. Esta passou a ser

²⁸ Ver o catálogo em <http://gvi.archi/es/>, que não confere destaque ao santuário nem inclui outras obras com finalidade religiosa. Acesso em: 15 jul. 2020.

²⁹ Posts #4 e 5 no site indicado na nota 24.

o elemento central de um complexo que integra várias estruturas distribuídas pela localidade, cujo nome (Vígolo) guarda as marcas das origens italianas. A referência mais antiga é a capela levantada no século XIX, quando Amábile ainda vivia ali. A memória de sua presença é ativada por diversos marcos, estátuas, monumentos e museus. O local abriga ainda um grande restaurante, assim como um pequeno hotel, mantidos pela Congregação que administra o santuário. O estabelecimento “oficial” de produtos religiosos convive com outras formas de comércio. Parte dessa dispersão foi atenuada quando o Santuário inaugurou em 2016 um “centro comercial” com 62 lojas. Veredas percorrem os espaços verdes e os córregos que sustentam as reivindicações ecológicas do lugar.³⁰

A nova igreja, inaugurada em 2006, quatro anos após a canonização de Santa Paulina, tem sua entrada principal voltada para o oeste, tal como a capela do século XIX. Ela foi construída em cerca de três anos, sem paralisações, baseada no projeto desenvolvido por uma empresa de Blumenau, cidade que fica próxima a Nova Trento. Assim como no caso mexicano, a HS Arquitetos não tinha experiência anterior com edificações religiosas.³¹ O projeto buscou responder ao “programa de necessidades” indicado pela Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição. Mais adiante, entrarei nos detalhes da concepção arquitetônica, interessando, por ora, conhecermos algumas dimensões do templo (Santuário Santa Paulina, 2007). Em sua nave principal e suas duas capelas cabem cerca de 3.500 pessoas. A altura máxima é 28 metros, ponto de onde partem as duas metades do telhado em direção ao solo. Da entrada ao fundo, são 60 metros de vão livre, o que permite uma visão desimpedida de quaisquer obstáculos. O arquiteto com quem conversei (Herwig, 2019) apresenta com muito orgulho as soluções encontradas para a construção do templo, destacando o resultado em termos de comodidade e funcionalidade, bem como a conciliação entre tecnologias e materiais modernos e baixo custo de construção e manutenção.³²

30 Para informações e imagens sobre as diversas estruturas e setores do santuário, ver o site oficial: <https://santuariasantapaulina.org.br/>. Acesso em: 23 set. 2020.

31 A maioria dos projetos da HS Arquitetos incide sobre plantas industriais. Mas hoje seu catálogo já inclui outras obras de arquitetura religiosa e confere destaque ao Santuário Santa Paulina. Ver <https://www.facebook.com/hsarquitetos/>. Acesso em: 23 set. 2020.

32 Segundo o arquiteto, o projeto foi premiado em 2006, o que rendeu a publicação de notícia sobre o Santuário Santa Paulina no prestigiado site de arquitetura ArchDaily Brasil (2013). Em outro texto (Giumbelli; Aguiar, 2020), é abordada a relação entre a arquitetura interna do templo e as formas devocionais que ela busca estimular.

Houve, no entanto, um projeto anterior ao que foi realizado. Ele foi concebido nos últimos anos da década de 1990, na mesma época em que a localidade em torno da capela do século XIX foi elevada a um santuário pela Arquidiocese de Florianópolis, à qual pertence Nova Trento. Não há muitos detalhes sobre esse primeiro projeto,³³ apenas registros que apontam uma capacidade de 6.500 pessoas na nave principal, outras 4 mil em uma galeria e mais uma praça para 60 mil pessoas. As duas únicas imagens a que tive acesso mostram uma estrutura em dois pavimentos, a galeria sendo provavelmente o andar térreo. Na parte superior, um templo com desenho circular; a vista frontal faz parecê-lo um cone invertido, totalmente coberto por vidros azuis, cercado por três torres. Essas torres, que em sua base contornam a nave envidraçada, elevam-se acima dela em pontas que terminam em material que aparenta também ser vidro. “Os três volumes, onde se erguem os campanários, representam as irmãs que fundaram a organização” (Silva, R., 2004, p. 122) – a mais alta das torres correspondendo a Paulina.

De acordo com a religiosa da Congregação com quem conversei, o projeto foi elaborado por alguém de Brasília, um admirador da então beata Paulina. Embora reconheça o diálogo do templo com a história da santa, pois não se queria “apenas um galpão, ou uma apoteose sem sentido”, Irmã Anna relatou que o desenho não causou boa impressão entre as religiosas que viviam em Vígolo: “era muito vidro, muito... atual demais, a gente achava que era muito moderno, que não se enquadrava em nossa realidade” (Tomelin, 2018). A antipatia pelo projeto se estendia para a relação com o entorno, percebida como desarmoniosa. Os incômodos fizeram que a Congregação recorresse a uma consultoria de arquitetura; chegou-se assim ao “programa de necessidades” com base no qual se buscou atrair propostas de projetos. Algumas empresas fizeram esboços, mas apenas a HS Arquitetos prosseguiu respondendo às exigências e aos ajustes levantados pelas religiosas (Herwig, 2019).

Além de questões estéticas, o primeiro projeto levantou resistências associadas à relação entre o empreendimento religioso e os poderes públicos. Conforme Nascimento (2006, p. 104), “o governador queria construir o Santuário de Santa Paulina segundo um modelo próprio, dividindo o prédio em dois setores, tendo o subsolo um centro de con-

33 As informações provêm das seguintes fontes: Zanatta (2001), Silva (2004) e Nascimento (2006).

venções destinado a reuniões e encontros e a parte superior do prédio o espaço para a função religiosa”. Tal proposta foi contestada pelas religiosas, que desejavam evitar essa sobreposição de finalidades. A divergência resultou no encerramento das atividades de uma comissão que existiu em 2000, da qual tomaram parte autoridades religiosas e civis, com o objetivo de melhorar as condições de recepção de visitantes em Nova Trento. Embora tenha se mantido certa separação, instâncias governamentais não deixaram de ter participação nas estruturas e condições que cercam o Santuário. Exemplos disso são benfeitorias na infraestrutura do bairro e a promoção de Santa Paulina como o principal atrativo de “turismo religioso” de toda a região. Em 2010, a cidade de Nova Trento foi reconhecida por uma lei estadual como a “Capital Catarinense do Turismo Religioso” (Soares; Ramos, 2018, p. 395).³⁴

Quanto ao projeto aprovado pela Congregação, ele resultou de sua negociação direta com a HS Arquitetos. Indagado sobre as inspirações para a concepção e desenho do projeto, o arquiteto apontou a história da santa: “a trajetória de vida dela, uma pessoa muito simples e humilde, mas muito forte na sua espiritualidade e bondade” (Herwig, 2019). O projeto retrata “a simplicidade e a humildade dela através da forma do templo, que remete a um casebre em duas águas onde tudo começou.”³⁵ E também a solidez, a força dos valores dela, através dos materiais, especialmente o uso de muito concreto aparente” (Herwig, 2019). No texto que apresenta o projeto, lemos que a ênfase na simplicidade resultou em uma “releitura da arquitetura sacra tradicional”. Eis outro trecho: “a cobertura de linhas ascendentes estimula a meditação e a busca da espiritualidade, como se fosse um manto que, singelamente lançado sobre a construção, abriga a nave principal, capelas e área de apoio, além de definir os acessos ao santuário” (ArchDaily Brasil, 2013).

Percebemos, então, que, distintamente do que ocorreu no caso de Guadalajara, a concepção do templo nova-trentino dialoga fortemente com atributos de Santa Paulina, impactando a escolha de formas e materiais. Ainda que o vidro seja bastante utilizado, são os desenhos feitos

³⁴ Desde 1997, o município de Nova Trento já era, com base em um decreto estadual, uma “estância turístico-religiosa” (Nascimento, 2006, p. 63).

³⁵ O arquiteto refere-se aqui ao casebre no qual as três companheiras que criariam a congregação cuidaram de uma enferma. Ele é parte da narrativa que sustenta a hagiografia de Paulina. O santuário mantém uma réplica desse casebre junto à capela construída no século XIX.

com o concreto e com o telhado de metal que definem a morfologia da construção (imagem 3). Amparada nessa morfologia, proliferam leituras simbólicas. O mesmo texto que se refere a um “manto” sugere que a cobertura em duas águas “remete visualmente às tradicionais vestimentas de algumas ordens religiosas” (ArchDaily Brasil, 2013). Irmã Anna enfatizou que as discussões na Congregação que orientaram a demanda do projeto chegaram na ideia de uma tenda – “já que aqui é um lugar de peregrinação”. Ela acrescentou outras imagens a depender das interpretações: “o povo diz que é muito parecida com um véu [...] E também mãos para o infinito, que não se encontram porque seguem para o alto” (Tomelin, 2018).

Imagem 3 – Foto do templo principal do Santuário Santa Paulina



Fonte: Oliveira (2015).

A relação com a história de Paulina é afirmada também pela integração entre o novo templo e as estruturas já existentes em Vígolo. Embora a ereção da grande igreja tenha desmatado parte da área adjacente às construções anteriores, o projeto reivindica estar em harmonia com a natureza. Nas fachadas laterais, o vidro é transparente, fazendo a comuni-

cação entre o interior e o exterior. Quanto à sua orientação, ela não segue as regras canônicas que aconselham o leste como referência para a entrada principal. O templo mais recente imita a da igreja mais antiga, com a qual interage por meio de uma passarela curvilínea. Essa estrutura, partindo da área onde também está a réplica do casebre, como disse o arquiteto, “tenta ligar onde tudo começou com o novo” (Herwig, 2019).³⁶ A orientação voltada para o oeste faz com que o templo principal dialogue ainda com outra área do santuário. Ela se localiza no alto de um morro oposto ao que abriga a igreja. Ali estão alguns serviços, além de uma estátua de Santa Paulina, e o lugar já foi o destino de um teleférico que funcionou por alguns anos. Desse morro, a pessoa que o visita tem uma perspectiva cenográfica da fachada frontal do novo templo.

A fim de explorarmos algumas dimensões da aparência do templo, partamos exatamente da sua fachada principal. Embora o texto do projeto mencione que as três partes formadas por estruturas de concreto representariam a Santíssima Trindade, a explicação que me ofereceu o arquiteto reitera a presença de Paulina. Para tanto, ele pede que olhe-mos todo o desenho formado pelas linhas do telhado, as vigas entre as quais estão os sinos e a cruz no seu cume. Tal desenho sugere a imagem de uma pessoa vestida de hábito religioso. Ele conclui: “Então, conceitualmente falando, Santa Paulina está representada nos pilares frontais” (Herwig, 2019). Originalmente, o projeto previa inclusive que nos vitrais dessa fachada frontal estivesse reproduzida uma fotografia do rosto da santa,³⁷ ideia que foi abandonada durante a construção (Fernandes, J., 2019). De todo modo, considerando as sugestões do arquiteto e as estátuas de Paulina que se encontram no acesso e no interior do templo, podemos afirmar que há algo de fractal na distribuição da imagem da santa, multiplicada nos, e pelos, espaços do santuário. Em relação à fachada, essas concepções conferem plausibilidade à interpretação generalizante de Flávio de Carvalho (2005, p. 49): “a porta da igreja é uma representação da vagina e a igreja em si uma figuração da mulher”.

Enquanto a aproximação entre a igreja e uma mulher apresenta-se acertada para o caso desse santuário, tomemos a interpretação de

36 A passarela ou rampa acaba também produzindo uma semelhança entre o Santuário Santa Paulina e o Santuário de Aparecida.

37 Ver o desenho em <https://www.instagram.com/p/vyB3BFDHWO/>. Acesso em: 23 set. 2020.

Carvalho não em seu sentido literal, mas como uma incitação para que busquemos coexistências entre sagrado e profano na morfologia do templo.³⁸ O arquiteto referiu-se várias vezes, em sua entrevista, à “regra de ouro” para explicar as proporções adotadas pelo projeto da igreja.³⁹ A regra foi aplicada à fachada, gerando a identificação com uma figura humana; ela valeria igualmente, segundo o arquiteto, para a planta do edifício, traduzida na relação entre a área destinada à assistência e a área do presbitério. Tal configuração foi possibilitada pelo recurso à forma quadrada como base da planta, reforçado pela opção por um monobloco. Tive acesso a dois esboços que apontam para outras alternativas aventadas: em uma delas, reitera-se o desenho do telhado, mas com a torre dos sinos separada do edifício; na outra, o formato do telhado é bem diferente e o conjunto como um todo se distancia de um quadrilátero.⁴⁰ O arquiteto me explicou que o quadrado é “a forma mais econômica” (considerando a relação entre área e perímetro) e que a opção pelo monobloco, “uma edificação única”, preserva a referência à trajetória de vida de Santa Paulina, “uma pessoa única” (Herwig, 2019).

A perfeição dessa matemática simbólica e construtiva é, entretanto, abalada pela distribuição dos espaços na planta (imagem 4). A questão incide sobre a relação entre dois de seus “setores” – a nave principal e as capelas adjacentes – com o terceiro, a “área de apoio”. Essa área de apoio agrega espaços bem distintos. Nela se incluem os confessionários, que foram alocados atrás do presbitério, com um acesso pelos fundos da igreja. Isso significa que, embora tenham a ver com funções religiosas, foram distanciados da nave e das capelas. Efeito simétrico inverso – ou seja, a adjacência entre sagrado e profano – é o resultado da alocação de uma área administrativa na parte frontal do templo. Vistas do altar, as áreas localizadas na face oposta (ou seja, junto à entrada principal) são pouco definidas. No mesmo nível, temos portas que dão passagem, de um lado, para salas de atendimento individual ou familiar e, de outro, para uma área administrativa; em nível mais elevado, acessíveis por

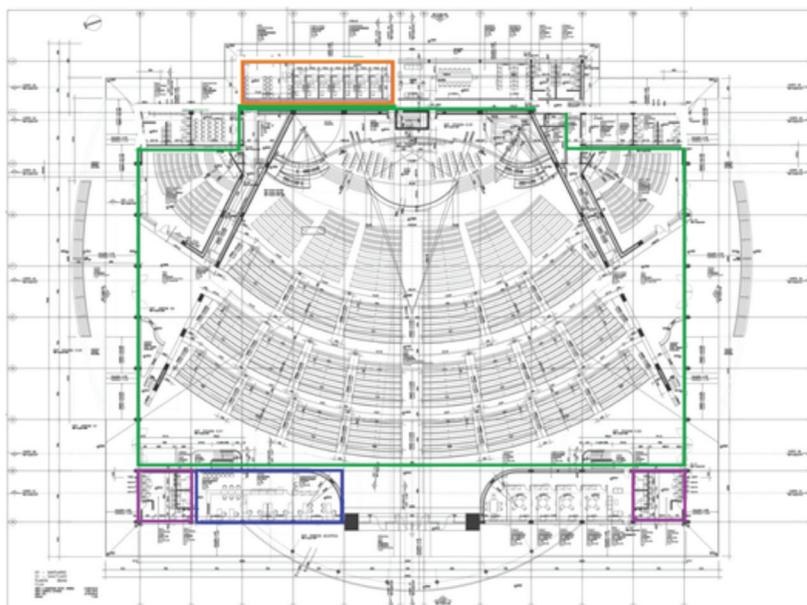
38 Penso ainda ser essa a pista apontada pelo arquiteto litúrgico, Pe. José Fernandes, em seu comentário – registrado na epígrafe deste texto – acerca do destino de um dos quadros da via sacra.

39 Também conhecida como “proporção áurea”, é uma constante matemática aplicada em projetos de várias naturezas. Enfatiza o arquiteto: “Na questão de volumetria e proporção, nós temos o retângulo de ouro nos pontos visuais principais, tanto em elevação quanto em planta” (Herwig, 2019).

40 Desenhos acessíveis em: <https://www.instagram.com/p/wlbq7xjHSt/> e <https://www.instagram.com/p/wk-usQDH-TV/>. Acesso em: 23 set. 2020.

meio de escadas, há outras portas para espaços destinados ao controle de captação de imagem e ao controle de som e outros tipos de serviços técnicos. O arquiteto comentou que a área administrativa não estava prevista para esse espaço, mas, dada a sua disponibilidade, houve essa modificação no projeto, o que garantiu que se preservasse o conceito do monobloco (Herwig, 2019).

Imagem 4 – Planta baixa do templo principal do Santuário Santa Paulina



Fonte da planta: ArchDaily Brasil (2013). Legenda acrescentada: verde = nave e capelas; laranja = confessionários; azul = área administrativa; lilás = banheiros na área frontal.

Meu argumento é que o recurso ao monobloco e o modo como se distribuiu os espaços no interior da planta do templo provocaram separações e conjunções que subvertem a relação entre sagrado e profano. De um lado, os confessionários ficaram afastados da nave principal e das capelas; de outro, a área administrativa terminou colada à assembleia religiosa. Há também um acesso pelo lado externo da igreja – ou seja, a fachada frontal comporta não apenas a entrada principal, mas, ainda, portas e janelas que se comunicam com a área administrativa e

de atendimento. O preço cobrado pela integração entre esses setores é a desfiguração da fachada do ponto de vista da “arquitetura sacra tradicional”, a qual o projeto reivindica respeitar. A subversão da relação entre sagrado e profano é reiterada pelo posicionamento dos banheiros coletivos, dispostos não em outro edifício, mas nos quatro cantos da planta do próprio templo – no caso dos que ficam junto à fachada principal, o acesso é pelas laterais, mas as janelas são frontais. Em suma, se essa fachada pretende recorrer à “regra de ouro” para sugerir a figura sagrada da santa, faço notar que, aos seus pés e em suas bordas, estão espaços dedicados às necessidades profanas.

Conclusões: a relevância da aparência

A discussão de Tamimi Arab (2013) sobre “megamesquitas” oferece um apoio valioso para estas considerações conclusivas. O autor analisa algumas controvérsias sobre a mesquita Essalam, construída na cidade holandesa de Roterdã e aberta em dezembro de 2010. Trata-se de um contexto muito distinto daquele que cerca os templos cristãos aqui focalizados. Na Europa, as “megamesquitas”, mais do que um objeto, são um tropo que envolve sentimentos opostos – ansiedade e orgulho – como parte dos desafios enfrentados por uma minoria religiosa caracterizada como estrangeira. Mas algumas questões levantadas por Tamimi Arab, em forte diálogo com Meyer (2019), continuam válidas para refletirmos sobre a construção de megatemplos cristãos em uma América Latina que (ainda?) continua predominantemente católica. Tais questões têm a ver com o impacto da presença de lugares associados à prática e ao pertencimento religioso no espaço urbano. Estão em jogo não apenas preocupações com as dimensões, mas também com estilos arquitetônicos e com as condições que produzem a visibilidade de um objeto – sugerindo um diálogo com dimensões problematizadas no texto que neste volume interpela um monumento (Pereira, 2020). Reitera-se assim o ponto a que chegamos com o apoio de Bataille: as aparências são fundamentais.

O Santuário dos Mártires Mexicanos é uma aposta da Arquidiocese de Guadalajara nas controversas figuras dos mártires cristeros. A definição de suas formas arquitetônicas foi delegada a uma empresa

que, após hesitações, optou por um desenho “contemporâneo”. Espera-se que sua consecução monumental resulte em “um ícone para a cidade”, beneficiando-se de uma visibilidade privilegiada, ainda que não onipresente. Isso permitiria que a Igreja Católica deixasse uma marca no espaço urbano acompanhada de uma declaração de modernidade.⁴¹ No terreno religioso, significa uma resposta ao outro megatemplo que existe em Guadalajara, a da Igreja La Luz del Mundo, cujo estilo é mais indefinido e cuja visibilidade é menor. De acordo com a análise aqui proposta, o risco dessas configurações assumidas pelo Santuário dos Mártires é o de não ser reconhecido como uma igreja. O reconhecimento, nesse caso, nada tem a ver com sua oficialidade institucional, algo que não está em questão. O que sim está em jogo é a identificação dos possíveis devotos com esse objeto arquitetônico, cuja aparência sugere várias coisas, mas raramente um templo religioso.

No caso do Santuário Santa Paulina, a situação é diferente. O novo templo coroa monumentalmente um conjunto de estruturas religiosas, algumas delas seculares, que derivam diretamente do empreendimento de memorialização de Paulina. A modernidade arquitetônica do templo não entra em colisão com sua identificação como um templo católico. Tampouco há uma preocupação de fazer frente a competidores no campo religioso ou a outros marcadores urbanos. A iconicidade almejada pelo elemento principal do santuário parece ameaçada apenas pela eventual estagnação da devoção à santa. Na dimensão arquitetônica, como busquei apontar na análise, o diálogo da Congregação com a empresa encarregada do projeto teve como resultado um objeto constituído por tensões cruciais. De um lado, há uma economia, tanto representacional quanto material, que deseja retratar e replicar a santidade de Paulina. De outro, a distribuição dos espaços na planta do templo subverte a separação entre sagrado e profano. Talvez essa tensão não seja peculiar ao Santuário Santa Paulina, mas aponte para algo que se faz e se fará presente em outras intervenções arquitetônicas que tentam, com o aval de instituições religiosas, efetuar, uma “releitura da arquitetura sacra tradicional”.

41 A Catedral de Guadalajara é uma imagem icônica na cidade, mas se trata de um templo antigo, cuja arquitetura, assim como a de outras igrejas católicas, ganha reconhecimento por seu valor histórico. Sobre tais igrejas na capital de Jalisco, ver Checa-Artasu (2012).

Nessa direção, podemos vislumbrar desafios que colocam exatamente em jogo a relação entre sagrado e profano. Isso estaria longe de ser uma novidade para o catolicismo, que, segundo leituras arraigadas, se fundamenta não tanto no isolamento do sagrado, mas na sua interação com o profano (Fernandes, R., 1982). No universo dos santuários, as peregrinações seriam um exemplo disso, além das próprias festas. Isso não significa, contudo, que as devidas relações entre sagrado e profano estejam livres de controvérsias. Um exemplo interessante nessa direção é o do comércio que acompanha a atividade de muitos santuários. Trata-se de aspecto sensível para a Igreja Católica, que, no entanto, não nega a sua presença e até mesmo dele se beneficia. Assim, busca contornar acusações das quais jamais ficará plenamente ilesa.⁴² Aqui também a arquitetura tem o seu papel, quando as instituições religiosas procuram organizar e padronizar áreas comerciais, como ocorre em Nova Trento. O que desejo enfatizar, ao abordar o caso do templo do Santuário Santa Paulina, é que essas intervenções arquitetônicas reconfiguram as relações espaciais entre sagrado e profano, propiciando situações potencialmente controversas.

No caso de Guadalajara, são de outra natureza os desafios suscitados por uma abordagem que tem o seu foco na arquitetura. A questão é: o que será necessário para sustentar o estatuto religioso de um templo como o do Santuário dos Mártires? A situação do Cristo Redentor, o monumento no Rio de Janeiro, nos traz alguns elementos para processarmos a pergunta. Apesar de ter sido projetado e inaugurado como um objeto religioso, a imagem teve essa dimensão atenuada em favor de outras interpretações e apropriações. Sua recente transformação em santuário pela Arquidiocese do Rio de Janeiro é uma tentativa de reinstaurar um estatuto especificamente religioso (Giumbelli, 2014; Menezes, 2012). Se mesmo a imagem do Cristo não está protegida de leituras alternativas, o que esperar de um templo que parece, desde sua construção, ser outras coisas? Com base nisso, podemos prever que a Igreja Católica terá algum trabalho para consolidar o estatuto de um objeto que reivindica como seu.

42 É significativo que os únicos aspectos negativos indicados por visitantes do Santuário Santa Paulina estão relacionados com as práticas comerciais no seu entorno. Minha fonte é o site Tripadvisor, o qual registra, entre as avaliações predominantemente positivas, o seguinte comentário de janeiro de 2019: “O prédio do Santuário é uma obra de arte, pela sua grandeza e beleza de sua construção”. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g2577862-d6116683-Reviews-Santuario_De_Madre_Paulina-Nova_Trento_State_of_Santa_Catarina.html. Acesso em: 23 set. 2020.

Retomando a discussão levantada na introdução deste capítulo, creio ser possível afirmar que as análises aqui propostas insistiram em tomar templos como flores – que é como Bataille sugere que nos aproximemos de qualquer objeto de arte. No primeiro caso, as formas externas foram tomadas como o elemento mais significativo do aspecto assumido por um templo. “Com que isso se parece?” foi a pergunta fundamental para se encontrar outras coisas que uma igreja. No segundo caso, foi necessário despedaçar a corola para que outro aspecto se tornasse aparente. “O que atravessa a busca de um ideal?” tornou-se a questão mais importante para surpreender o profano nas bases ou nas bordas do sagrado. Talvez possa se argumentar que essas análises perdem de vista o que seria mais relevante na existência desses megatemplos – por exemplo, sua força simbólica ao expressar uma hegemonia ou dominância religiosa em aliança mais ou menos aberta com poderes civis. Eu responderia que isso ficou nas entrelinhas. Em um movimento que poderia recorrer à ideia deleuziana da minoração (Goldman, 2015), preferi dar o primeiro plano às coisas e às percepções sobre a sua existência possível. Ao proceder desse modo, guiei-me por Bataille (2018a, p. 65-66) que, diante da “admiração e estupefação”, “a ordem e a obrigação”, a estaticidade e a estabilidade, disposições todas essas impostas por arquiteturas monumentais, empreende uma busca por “elementos perturbadores”.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, T. A adoração na “cultura”: margens e mediações entre música congregacional, arte religiosa e produção comercial na atuação de uma banda de jovens evangélicos. In: GIUMBELLI, E.; PEIXOTO, F. (org.). *Arte e Religião: passagens, cruzamentos, embates*. Brasília: Aba Publicações, 2021. p. 271-298.

ARDIGÓ, C. M.; CAETANO, L.; DAMO, L. O turismo religioso e o processo de comunicação de marketing: um estudo do santuário de Santa Paulina em Nova Trento – SC. *Turismo - Visão e Ação*, Balneário Camboriú, v. 18, n. 2, p. 353-377, 2016.

BATAILLE, G. Arquitetura. In: BATAILLE, G. *Documents: Georges Bataille*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018a. p. 65-66.

BATAILLE, G. A linguagem das flores. In: BATAILLE, G. *Documents: Georges Bataille*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018b. p. 69-79.

BEHLING, H. P.; WOLF, M.; BONA, R. J. Marketing, comunicação e consumo religioso: a percepção dos visitantes do Santuário Santa Paulina na cidade de Nova Trento (SC). *Dito Efeito*, Curitiba, v. 10, n. 17, p. 48-62, 2019.

CARVALHO, F. *Os Ossos do Mundo*. São Paulo: Antiqua, 2005.

CHECA-ARTASU, M. Catedrales neogóticas y espacialidades del poder de la Iglesia en las ciudades del occidente de México: una visión desde la geografía de la religión. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, v. XVI, n. 418, 2012.

CUSTODIO, M. A. C. *Artes de fazer de uma congregação católica: uma leitura ceiteusiana da formação e trajetória das Filhas da Imaculada Conceição (1880-1909)*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DE LA TORRE, R. *Los hijos de la luz: discurso, identidad y poder en La Luz del Mundo*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara/ITESO/CIESAS, 1995.

DE LA TORRE, R. Religión-Estado-Sociedad civil en el México del siglo XXI. AMEIGEIRAS, A. (org.). *Cruces, intersecciones, conflictos: relaciones político religiosas en Latinoamérica*. Buenos Aires: CLACSO, 2012. p. 19-48.

DE LA TORRE, R. El análisis fotográfico como recurso hermenéutico de los símbolos ritualizados en los dramas sociales (El caso de la manifestación por la defensa de la laicidad. Guadalajara, 2008). Texto inédito, 2017.

DE LA TORRE, R. La Virgen de los mil y un rostros: del mimetismo colonizador al ultrabarroco guadalupano. In: GIUMBELLI, E.; PEIXOTO, F. (org.). *Arte e Religião: passagens, cruzamentos, embates*. Brasília: Aba Publicações, 2021. p. 19-54.

DE LA TORRE, R.; LEVITT, P. Religion and Rescaling: How Santo Toribio put Santa Ana on the Global Religious Map. *Current Sociology*, p. 1-19, 2016.

FERNANDES, R. C. *Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GELL, A. A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. *Arte e Ensaios: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 8, p. 174-191, 2001.

GIUMBELLI, E. *Símbolos Religiosos em Controvérsias*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2014.

GIUMBELLI, E. Public spaces and religion: an idea to debate, a monument to analyze. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 52, p. 279-309, 2018.

GIUMBELLI, E.; AGUIAR, T. Configurando espaços, produzindo sensações: arquiteturas, materialidades e formas devocionais em dois templos cristãos. *Numen*, Juiz de Fora, 2020. No prelo.

GOLDMAN, M. “Quinhentos Anos de Contato”: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 641-659, 2015.

GONZÁLEZ, F. M. Los mártires de la Cristiada. Cuando la pólvora desaparece. *Revista de la Universidad de México*, n. 156, p. 27-38, 2017.

MENEZES, R. Aquela que nos junta, aquela que nos separa: reflexões sobre o campo religioso brasileiro atual a partir de Aparecida. *Comunicações do ISEER*, Rio de Janeiro, v. 31, p. 74-85, 2012.

MEYER, B. De comunidades imaginadas a formações estéticas: mediações religiosas, formas sensoriais e estilos de vínculo. In: GIUMBELLI, E.; RICKLI, J.; TONIOL, R (org.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019. p. 43-80.

NASCIMENTO, J. *Santa Paulina, Reconquista e Territorialidade: uma história em Nova Trento – SC*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PEIXOTO; F.; GOYATÁ; J. Circulações e aparecimentos da forma altar entre arte e religião. GIUMBELLI, E.; PEIXOTO, F. (org.). *Arte e Religião: passagens, cruzamentos, embates*. Brasília: Aba Publicações, 2021. p. 55-86.

PEREIRA, E. Do Holocausto à terra prometida: a criação de um memorial na paisagem carioca. GIUMBELLI, E.; PEIXOTO, F. (org.). *Arte e Religião: passagens, cruzamentos, embates*. Brasília: Aba Publicações, 2021. p. 121-158.

PÉREZ, A. C.; TÉLLEZ, I. M. El siglo de los mártires: beatos controvertidos y santos en olvido. *Caminhos*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 11-34, 2011.

RITA, N. L. *O complexo turístico-religioso de Santa Paulina em Nova Trento: perspectivas para o desenvolvimento sócio-econômico*. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SAN MARTÍN CÓRDOVA, I. Los templos monumentales en México. ¿Ex-presión política, orgullo comunitario o estrategia turística? *Revista Andaluza de Antropología*, n. 16, 2019, pp. 49-69.

SANTUÁRIO SANTA PAULINA. Conheça o Santuário Santa Paulina [livreto]. Nova Trento: [s. n.], 2007.

SILVA, C. P. *Mártires de Cristo Rey: revolução e religião no México (1927-1960)*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SILVA, R. *O Turismo religioso e as Transformações Sócio-Culturais, Econômicas e Ambientais em Nova Trento - SC*. 2004. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2004.

SOARES, E.; RAMOS, H. Siga o Líder: a Influência de uma Liderança Carismática Religiosa no Crescimento Turístico da Cidade de Nova Trento em Santa Catarina. *PODIUM Sport, Leisure And Tourism Review*, v. 7, n. 3, p. 390-401, 2018.

TAMIMI ARAB, P. The Biggest Mosque in Europe! A Symmetrical Anthropology of Islamic Architecture in Rotterdam. In: VERKAAIK, O. (org.). *Religious Architecture: Anthropological Perspectives*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2013. p. 47-62.

VACA, A. Memoria reificada y patrimonialización: El Santuario de los Mártires. In: GARCÍA FERNÁNDEZ, E.; VACA, A. (org.). *Patrimonio cultural: intertextos y paralelismos*. Zapopan, Jalisco: El Colegio de Jalisco, 2017. p. 199-222.

VERKAAIK, O. The art of imperfection: contemporary synagogues in Germany and the Netherlands. *Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)*, v. 20, n. 3, p. 486-504, 2014.

ZANATTA, K. *Madre Paulina*. Roteiros da fé em Santa Catarina. Florianópolis: Mares do Sul, 2001.

Sites consultados

3D Render Model developed in 2002 (Architecture Design Phase). 25 nov. 2014. Instagram: @santuariosantapaulina. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/vyB3BFDHWO/>. Acesso em: 23 set. 2020.

ARCHDAILY BRASIL. Santuário de Santa Paulina / HS Arquitetos. In: *Archdaily Brasil*, 3 maio 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-111795/santuario-de-santa-paulina-slash-hs-arquitetos>. Acesso em: 24 jul. 2020.

BOZZO, L. Santuario de los Mártires de La Iglesia Mexico. In: Luis Bozzo, 2011. Disponível em: <http://luisbozzo.com/projects/santuario-de-los-martires/>. Acesso em: 22 set. 2020.

CAMPOS, M. A. Mártires de Cristo Rey: La Fe mueve montaña y levanta santuario. In: *Conciencia Pública*, 12 jul. 2014. Disponível em: <http://concienciapublica.info/2014/07/12/martires-de-cristo-rey-la-fe-mueve-montana-y-levanta-santuario-su-construccion-avanza/>. Acesso em: 23 set. 2020.

CASTELLANOS FRANK, H. El Santuario de los Mártires, la Herencia de Sandoval (entrevista). In: *Conciencia Pública*, 24 mar. 2012. Disponível em: <http://concienciapublica.info/2012/03/24/el-santuario-de-los-martires-la-herencia-de-sandoval/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CASTRO, C. V. José Manuel Gómez Vázquez Aldana: Trayectorias GDL 2016. In: *México Design*, 2016. Disponível em: <https://mexicodesign.com/jose-manuel-gomez-vazquez-aldana-gvi/>. Acesso em: 23 set. 2020.

ESTUDO Conceitual - Opção DESCARTADA. Conceptual Study - Option DISPOSED. 14 dez. 2014a. Instagram: @santuariosantapaulina. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/wlbq7xjHSt/>. Acesso em: 23 set. 2020.

ESTUDO Conceitual - Opção DESCARTADA. Conceptual Study - Option DISPOSED. 14 dez. 2014b. Instagram: @santuariosantapaulina. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/wk-usQDHTV/>. Acesso em: 23 set. 2020.

GÓMEZ Vázquez International. Disponível em: <http://gvi.archi/es/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

GRUPO HIEMESA. El Grupo Hiemesa finaliza su participación en la construcción del Santuario de los Mártires de Cristo en México. In: *El blog del Grupo Hiemesa*, 16 set. 2016. Disponível em: https://hiemesa.com/blog/wp-content/uploads/2016/09/DJI_0029.jpg. Acesso em: 23 set. 2020.

HS Arquitetos. In: *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/hsarquitetos/>. Acesso em: 23 set. 2020.

ÍCONO de fe: Santuario de los Mártires de Cristo. In: *El Informador*, abr. 2015. Disponível em: <http://i02.vpc02.informador.com.mx/interactivos/jalisco/santuariodelosmartires/>. Acesso em: 23 set. 2020.

OLIVEIRA, Sílvio. Nova Trento (SC): Madre Paulina e colonização italiana. In: *Infonet*, 9 jul. 2015. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/nova-trento-sc-madre-paulina-e-colonizacao-italiana/>. Acesso em: 23 set. 2020.

PALOMAR, J. De la decadencia tapatía: el mejor edificio de Federico González Gortázar. In: *Informador*, 27 dez. 2013. Disponível em: <https://www.informador.mx/Ideas/De-la-decadencia-tapatia-el-mejor-edificio-de-Federico-Gonzalez-Gortazar-20131227-0152.html>. Acesso em: 23 set. 2020.

PROYECTO | TLAQUEPAQUE | Santuario de los Mártires Mexicanos | E/C. In: *Skyscraper City*, posts de jan. 2007 a out. 2009. Disponível em: <https://www.skyscrapercity.com/threads/proyecto-tlaquepaque-santuario-de-los-m%C3%A1rtires-mexicanos-e-c.437112/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SANTUARIO de los Mártires (tag). In: *El blog de Laura Campos*, 28 jun. 2008. Disponível em: <https://lauracampos.wordpress.com/tag/santuario-de-los-martires/>. Acesso em: 23 set. 2020.

SANTUARIO de los Mártires, factor de identidad urbana. In: *El Informador*, 8 set. 2012. Disponível em: <https://www.informador.mx/Jalisco/Santuario-de-los-Martires-factor-de-identidad-urbana-20120908-0177.html>. Acesso em: 23 set. 2020.

SANTUÁRIO de Madre Paulina. In: *Tripadvisor*. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g2577862-d6116683-Reviews-Santuario_De_Madre_Paulina-Nova_Trento_State_of_Santa_Catarina.html. Acesso em: 23 set. 2020.

SANTUÁRIO Santa Paulina. Disponível em: <https://santuariosantapaulina.org.br/>. Acesso em: 23 set. 2020.

SEC Armadillo. In: *Foster + Partners*. Disponível em: <https://www.fosterandpartners.com/projects/sec-armadillo/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

TURISMO religioso. In: *Secretaría de Turismo*. Disponível em: <https://sectur-jal.jalisco.gob.mx/nuestro-estado/turismo-religioso>. Acesso em: 23 set. 2020.

Entrevistas

CASTELLANOS FRANK, H. Entrevista concedida a Emerson Giumbelli, Guadalajara, 25 nov. 2019.

FERNANDES, J. Entrevista concedida a Emerson Giumbelli, via internet, 11 abr. 2019.

GONZÁLEZ ESCOTO, A. Entrevista concedida a Emerson Giumbelli, Guadalajara, 25 nov. 2019.

HERWIG, P. Entrevista concedida a Emerson Giumbelli, Balneário Camboriú, 08 jul. 2019.

MERCADO, S. Entrevista concedida a Emerson Giumbelli, Guadalajara, 1º dez. 2019.

TOMELIN, A. Entrevista concedida a Emerson Giumbelli, Nova Trento, 18 ago. 2018.

